

Revista 8
03/11/91

NOSSO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

55

A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO DE VILA FLOR

Jeanne Fonseca Leite Nesi

Arquiteta e Diretora do Centro de
Documentação Cultural da Fundação
José Augusto

Segundo pesquisas procedidas por Olavo de Medeiros Filho, no dia 9 de novembro de 1676 Matias de Albuquerque Maranhão firmou um termo de desistência das terras demarcadas pelos religiosos de Nossa Senhora do Carmo da Paraíba, nas salinas de Cunhaú. Tais terras abrangiam a área hoje correspondente à cidade de Vila Flor, onde existia um curral de gado.

Segundo o historiador conterrâneo, Luís da Câmara Cascudo, que se baseou em anotações existentes no Livro de Tombo da Ordem Carmelita da Reforma Turo-nense do Recife, aqueles religiosos já administravam uma missão indígena em Gramació, a partir do ano de 1740.

Ainda segundo Cascudo, em 1743 foi iniciada a construção de uma capela na referida aldeia de Gramació, cuja conclusão ocorreu em janeiro de 1745. Foi autor das obras, o padre frei André do Sacramento.



Informação de 1746, também citada por Cascudo, dá-nos conta de que na Aldeia de Gramació habitavam indígenas da língua geral (tupis), sob os cuidados de um missionário religioso do Carmo da Reforma. Em 1762, Gramació foi elevada à vila, com o nome de Vila Flor.

A referida capela, dedicada à Nossa Senhora do Des-

terro, foi reedificada em 1843, ano em que decorreu o centenário do início de sua construção, na administração de Francisco Xavier de Matos.

Trata-se de um edifício de relevante importância histórica e de muito valor arquitetônico. O templo é constituído de capela-mor, nave, coro e sacristia. Chega-se ao

coro através de uma escada externa, que também dá acesso à sineira. Esta encontra-se do lado direito da igreja, possuindo um singelo telhadinho em duas águas, que confere graça e beleza ao templo.

A fachada principal do prédio, emoldurada por cunhais e cornija, apresenta

um frontispício triangular com nicho central, ladeado por dois pináculos e encimado por uma cruz. Apresenta também uma porta de acesso, ladeada por duas janelas baixas, em vãos de vergas retas, com cercadura de massa.

Ao nível do coro existem três janelas rasgadas, em vãos de vergas em arcos ple-nos, cercaduras de massa e guarda-copos de madeira.

A última restauração do templo ocorreu em 1981, procedida pela Fundação José Augusto, em convênio com a antiga SPHAN/Pró-Memória, obedecendo ao Projeto de Revitalização do Conjunto Urbano de Vila Flor. Antes dessa restauração, o prédio encontrava-se em deplorável estado de conservação, tendo sofrido uma recuperação total do piso, cobertura, revestimentos e instalações. Foi devolvida ao templo, a sua antiga feição, respeitando-se também os acréscimos incorporados que se harmonizavam com o prédio.

A igreja encontra-se tombada a nível estadual, desde 23 de fevereiro de 1985.

Realizando pesquisas ar-

quiológicas em Vila Flor, encontra-se naquela cidade a equipe da arqueóloga Gabriela Martin, da Universidade Federal de Pernambuco. O projeto de Vila Flor acha-se sob a direção do arqueólogo Paulo Tadeu de Souza Albuquerque. Apóia o projeto, o antigo Pró-Memória, dele participando professores e pesquisadores de diversas universidades brasileiras.

As pesquisas tiveram o seu início em 1987 e contam, atualmente, com sofisticados instrumentos científicos, doados pela Alemanha à U.F.Pe, como é o caso de um rastreador de satélites, além de equipamentos computadorizados e de raios laser.

Já têm vindo à luz centenas de objetos indígenas, cerâmicas portuguesas, dos séculos XVII e XVIII, cerâmicas brancas inglesas, do século XVIII, faianças vitrificadas espanholas e portuguesas, dos séculos XVII e XVIII, louças chinesas e da Companhia das Índias Ocidentais, moedas de cobre de Portugal e do Brasil.

FONTES: Informações prestadas pelo pesquisador Olavo de Medeiros Filho; "História do Rio Grande do Norte", de Luís da Câmara Cascudo. Fund. José Augusto/Edições Achiamé Ltda; Natal/Rio de Janeiro, 1984; outras pesquisas realizadas pela Autora.